



De corpo e alma



Darel Valença Lins/Divulgação

Mostra retrospectiva do artista plástico pernambucano Darel Valença Lins, na galeria da Caixa Cultural, revela uma trajetória marcada pelo talento em lidar com múltiplas linguagens

» OTO DIAS BECKER REIFSCHEIDER
ESPECIAL PARA O CORREIO

Deitado na cama, entre sonhos, lembranças e vontades, Darel desenha. A vida toda apurando os sentidos, treinando a mão, o traço firme no papel. São pinturas, gravuras, colagens e desenhos, sobretudo desenhos. Escultura nunca fez, não quis. De xilogravuras — a mais escultural das gravuras — fez apenas uma, incompleta e preciosa. É a magia do plano que o atrai. Quando não produz arte, a consome: ama a música, o cinema, a dança, a literatura.

Darel começou a desenhar menino, como tantos outros meninos. Ele, no entanto, não parou — como não param os artistas. Descoberto aos 13 anos de idade, em 1937, começou no engenho o aprendizado de desenho técnico, traçando engrenagens para a Usina Catende. Deixou, então, o interior para ir estudar na Escola de Belas Artes do Recife, em 1941, que logo abandonou, tendo por destino a capital federal, na época, o Rio de Janeiro, sede da elite cultural do país. Lá, tem aulas com Henrique Oswald, brilhante gravador em metal, no Liceu de Artes e Ofícios. Em breve, iria se tornar também ele professor, ensinando gravura em metal no Masp e litografia na Escola Nacional de Belas Artes.

Os desenhos e gravuras do fim dos anos 1940, apesar de já marcantes, sofreriam inúmeras transformações na busca de um estilo próprio, ao longo dos anos 1950. Torna-se, assim, ilustrador de mão cheia. Trabalha em jornais, revistas e editoras. Entre eles, estão *Última Hora*, *Jornal do Brasil*, revista *Senhor*, *O Cruzeiro* e a editora José Olympio. Dirigiu por 16 anos a parte técnica das publicações dos Cem Bibliófilos do Brasil, para os quais ilustrou dois volumes: *Memórias de um sargento de milícias*, em 1954, e *Poranduba amazonense*, em 1961.

É com o desenho que Darel se tornará conhecido, atingindo maior público com a gravura. A fama consolida-se no início da década de 1960, com a série de cidades, elaborada a partir de sua estada na Europa, fruto do Prêmio Viagem ao Estrangeiro, obtido no Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A mais antiga gravura "topográfica" encontrada na data de 1959, prenúncio de toda uma década de trabalhos. São obras inspiradas em praças romanas, cidades medievais mediterrâneas, italianas e espanholas.

Ao longo dos anos 1960, o traço inconfundível, já maduro, de Darel, faz-se presente no meio artístico nacional e mesmo internacional, com inúmeras premiações e exposições. Sobre ele escreveram Aníbal Machado, em 1949, Lúcio Cardoso, em 1960, Mario Pedrosa, em 1962, Vinicius de Moraes, em 1967, Clarival do Prado Valladares, em 1968, entre outros.

Darel Valença Lins/Divulgação



A partir da segunda metade dos anos 1960, a figura feminina passou a ocupar um espaço de destaque na arte de Darel Valença

Merece, em 1967, uma sala especial na IX Bienal de São Paulo, pela qual havia ganhado, dois anos antes, o prêmio de Melhor Desenhista Nacional.

Máquinas de engenho

Durante as primeiras décadas de trabalho, predomina o nanquim e a gravura em metal. Às topografias e cidades, aliam-se máquinas e engrenagens, destiladas pelo artista de suas experiências primeiras com as máquinas do engenho e da corrida espacial, iniciada pelo lançamento Sputnik, que muito o impressionara. Foram marcantes também as leituras, entre elas a da *Colônia penal*, de Kafka. Na segunda metade dos anos 1960, a figura feminina começa a se impor, numa série de figuras de anjos e máquinas. É só no início dos anos 1970, no entanto, que elas começam a ocupar o grosso de seu trabalho.

Quando ocorre essa transição, mudam também os meios de expressão do artista. O branco e o negro da gravura em metal e do nanquim cedem lugar a pastéis, gizes, aquarelas e litografias. As linhas tornam-se mais sinuosas, as curvas são exploradas e, aos poucos, a influência da imagem impressa, televisada, entra em sua arte por meio de colagens, que contam com figuras de jornais e revistas. Essas fotomontagens, trabalhadas e retrabalhadas, servirão de inspiração para desenhos e gravuras.

A nova fase durará outros vinte anos, nos quais são retratados não apenas corpos femininos, mas também punks da periferia, jovens do meretrício, toda a marginalidade tão presente, e tão ignorada, em nossa arte e cultura.

Os retratos de Darel incomodam e atraem, sua presença se impõe com ainda mais força que a zona do Manguê de Segall, do fim dos anos 1920. É trabalhando essa temática que ganha o Prêmio Abril de Jornalismo de 1983, pelo conjunto de ilustrações para a Playboy. À produção do período dedica Casimiro Xavier de Mendonça um belo ensaio de três páginas na revista *Veja* em 1985. Em 2002 sai, ilustrada por Darel, *A polaquinha*, de Dalton Trevisan, único romance do contista curitibano. A relação carnal entre as figuras e o texto tornam essa talvez a mais bela obra da Confraria dos Bibliófilos do Brasil.

Experimentações

Irrequieto, Darel aventurou-se nos últimos anos também por plotagens, digigrafias e giclées, alterando com traços e pinceladas. De aprendiz de desenhista na Usina do Catende, em 1937, aos dias atuais, já são mais de 75 anos no ofício. Suas obras encontram-se no MOMA (NY), no Kunsthistorisches Museum de Viena, no Museu de Arte Moderna de Roma, no Palais de Beaux-Arts de Bruxelas. No Brasil, praticamente todo museu relevante tem uma ou mais obras suas. Realizou exposições individuais em Roma, Buenos Aires, Bruxelas, Copenhague, além de diversas capitais brasileiras. Participou de coletivas em mais de 15 países, da Suíça ao Japão, de Portugal a China: foram dezenas de exposições, entre museus e galerias. Olívio Tavares de Araújo, Mario Schenberg, José Neinstein, Roberto Pontual, Ferreira Gullar — quem trate da arte brasileira no século 20, terá tratado de Darel.

A arte de Darel impacta, seduz, surpreende. Um desenho seu, uma sua gravura, não são apenas obras bem executadas, não mostram apenas domínio da técnica. Eles são, em primeiro lugar, um retrato do artista, um vislumbre de sua alma. Sua arte tem identidade, criada não para agradar, mas na procura dos que criam. Por essas e tantas outras razões Darel merece ser visto, ser conhecido, ser respeitado.

Ganha agora o público brasileiro a oportunidade de conhecer a obra do artista, com a exposição Darel de Corpo Inteiro, em cartaz no salão principal da Caixa Cultural até 10 de março. Nela, encontram-se mais de 120 obras suas, entre esboços, gravuras e pinturas. Que não se engane o visitante: é apenas uma entrada na obra do mestre, que, ao longo de quase oito décadas de trabalho incessante, produziu centenas de quadros e gravuras, milhares de desenhos. Chances como essa, no entanto, são raras e não devem ser desperdiçadas.

